

Álcool e outras drogas na percepção de adolescentes de escolas públicas.

Iolanda Gonçalves de Alencar Figueiredo

Enfermeira. Mestre em Enfermagem em Terapia intensiva. Docente do curso de enfermagem de UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos/PI.

E-mail: iolandalencar2009@hotmail.com

Ingred Mellyne Lima Oliveira

Enfermeira pela Universidade Federal do Piauí. Membro do grupo de pesquisa em saúde coletiva-GPeSC/Área Saúde do Adolescente.

Hudarlândia Gomes de Sousa

Enfermeira pela Universidade Federal do Piauí. Membro do grupo de pesquisa em saúde coletiva-GPeSC/Área Saúde do Adolescente.

Déborah Luz Matírios

Enfermeira pela Universidade Federal do Piauí. Membro do grupo de pesquisa em saúde coletiva-GPeSC/Área Saúde do Adolescente.

Genilci de Sousa Araújo Formiga

Acadêmica do 9 período de enfermagem da UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos/Pi Membro do grupo de pesquisa em saúde coletiva-GPeSC/Área Saúde do Adolescente.

Gilberto Santos Cerqueira

Farmacêutico. Doutor em farmacologia. Docente da UFPI, Campus Ministro Reis Veloso, Parnaíba.

E-mail: stellaarcanjo@yahoo.com.br

Registro DOI: <http://dx.doi.org/10.22280/revintervol10ed2.285>

Resumo

Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, realizada em três escolas da rede municipal de ensino com a participação de trinta e dois (32) adolescentes, de ambos os sexos, na faixa etária entre 12 e 18 anos, cursando do sétimo ao nono ano do ensino fundamental aprovada pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal do Piauí. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada. Houve predominância de adolescentes na faixa etária de etária de quinze anos, prevalência do sexo masculino bem como cursando o 7º ano do ensino fundamental. Quanto à percepção sobre o álcool e seu consumo, observou-se que a maioria faz uso de bebida alcoólica propondo ser algo mais fraco, mais leve tanto em relação à possibilidade de torna-se viciado, quanto ao surgimento de menores consequências se comparadas a outras de maior teor alcóolico. Já em relação as demais drogas evidenciam claro conhecimento das consequências do uso, da proximidade que estas estabelecem com a violência além de incitarem a experiência do convívio com pessoas usuárias. A maioria afirmou ser contra a legalização de drogas como a maconha. Quanto à participação da escola na prevenção destas substâncias a maioria afirmou ser discutido o assunto, sendo a palestra, estratégia de escolha para abordagem do contexto. No que tange a família identificou-se que a maiorias dos participantes convive com familiares usuários de álcool e outras drogas o que torna esses escolares mais vulneráveis a experiências futuras. Assim, percebe-se a necessidade de políticas públicas mais eficazes voltadas a esse público com ações que promovam saúde e previna riscos de adoecimento, além da adoção de estratégias dinamizadas e emancipatória aos adolescentes com a inserção ativa da família e escola tendo em vista o papel basal que ambas representam na formação do adolescente.

Palavras-chave: Adolescente. Álcool. Droga. Família. Prevenção.

Alcohol and other drugs in the adolescents perception from public schools.

Abstract

This is a descriptive research, with a qualitative approach, carried out in three schools of the municipal education network with the participation of thirty-two (32) adolescents, of both sexes, in the age range between 12 and 18 years, attending Seventh to ninth grade of elementary education approved by the ethics and research committee of the Federal University of Piauí. The data were collected through a semi-structured interview. There was a predominance of adolescents in the 15-year age group, male prevalence as well as 7th year of elementary school. As for the perception about alcohol and its consumption, it was observed that the majority makes use of alcoholic beverage proposing to be something weaker, lighter both in relation to the possibility of becoming addicted, and to the appearance of smaller consequences when compared to other With a higher alcohol content. In relation to the other drugs, there is a clear knowledge of the consequences of the use, of the proximity that these establish with the violence, besides inciting the experience of living with users. Most claimed to be against the legalization of drugs such as marijuana. Regarding the participation of the school in the prevention of these substances, the majority said that the subject be discussed, being the lecture, strategy of choice to approach the context. With regard to the family, it was identified that most of the participants live with family members who use alcohol and other drugs, which makes them more vulnerable to future experiences. Thus, it is perceived the need for more effective public policies aimed at this public with actions that promote health and prevent illness risks, besides the adoption of dynamized strategies and emancipatory to the adolescents with the active insertion of the family and school in view of the basal role which represents both in the formation of the adolescent.

Keywords: Adolescent. Alcohol. Drug. Family. Prevention.

Recebido em 13/12/2016 Aceito em 08/02/2017

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase ímpar na vida do ser humano, cheio de oportunidades, com desenvolvimento, crescimento pessoal e intensas descobertas. É também um momento em que se vive a transição, da infância para a vida adulta, com diversas alterações hormonais, cognitivas, psicológicas e sociais, somados a história

de vida, são processos importantes que contribuem para um período de exposições, vulnerabilidades e riscos variados (RONZANI, 2014).

Assim, essas exposições podem vim a favorecer o início do uso de álcool e outras drogas. A Secretaria Nacional Antidrogas SENAD (2010) as define como sendo substâncias que produz mudanças nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional das pessoas, sendo que estas alterações variam de acordo com a droga e a quantidade usada.

Nesse contexto o uso de álcool e outras drogas (AD) são considerados um grave problema de saúde pública, podendo desencadear sérios prejuízos à vida de adolescentes, família e sociedade. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar-PENSE realizada entre os anos de 2009 a 2012 apontam que em 2009 50% dos adolescentes pesquisados faziam uso de bebidas alcoólicas e 8,7% experimentado drogas ilícitas, já em 2012, notificou-se considerável aumento em relação ao uso de bebidas alcoólicas e substâncias ilícitas 66,6% e 9,9%,respectivamente (PENSE, 2012).

No Brasil, os adolescentes, somam, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010) uma população de 34.156.058 indivíduos. No Estado do Piauí essa população é representam por cerca de 610 mil adolescentes. Conforme Pesquisa Nacional de saúde Escolar (2012) na região de Teresina, capital do Estado, 46,8% dos adolescentes consomem bebidas alcoólicas, e 6,5% outras drogas.

É importante destacar que no ano de 2007 o Ministério da Saúde, com vistas à problemática, lança o Programa de Saúde na Escola (PSE) com finalidade de contribuir para a formação integral dos estudantes. De caráter multidisciplinar, pautado no enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o desenvolvimento saudável dos adolescentes da rede pública de ensino, e promovendo a comunicação entre escolas e unidades de saúde, fortalecendo dessa forma a troca de informações sobre as condições de saúde adolescentes.

Nesse contexto, os profissionais de saúde, conforme diretrizes do PSE tornam-se educadores assumindo a abrangência social-cultural em capacitar o indivíduo, numa participação ativa e transformadora que tenha como produto final a saúde. Dessa forma, o enfermeiro como integrante do Programa de Saúde na Escola exerce a função de facilitador, auxiliando os adolescentes para que desenvolvam habilidades de autocuidado, para que façam escolhas saudáveis e, sobretudo, para que sejam

protagonistas no processo de produção à saúde. (SANTOS, 2010; COSTA FIGUEIREDO E VIEIRA, 2013).

Apesar dos esforços e ações de políticas públicas já realizadas nesse sentido o avanço no uso abusivo de bebidas alcoólicas e outras drogas pelos adolescentes nos últimos anos têm aumentado consideravelmente. Esta é uma realidade preocupante e que sinaliza para o despertar de novos olhares sobre a problemática.

Nesse interim, este estudo foi conduzido visando responder as seguintes questões: qual a percepção dos adolescentes de escolas públicas quanto o uso do álcool e outras drogas? Para tanto, pretendeu-se com essa proposta conhecer a realidade socioeconômica vivenciada pelos adolescentes, sua percepção em relação a drogas de abuso bem como identificar o consumo entre os mesmos. Com o intuito de contribuir para a aquisição de novas estratégias de enfrentamento, prevenção e promoção da saúde, priorizando metodologias participativas, nas quais o adolescente seja, realmente, protagonista do seu tempo.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória com abordagem qualitativa, recorte de uma pesquisa mais ampla sobre “Impacto do conhecimento de adolescentes acerca da vulnerabilidade e riscos à saúde no processo de adolecer”.

A pesquisa descritiva é aquela que tem por objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis e, exploratório porque se familiariza com um assunto. (GIL, 2010).

O projeto foi realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação que atualmente conta com 68 escolas distribuídas nas zonas urbana e rural. Para efeito deste estudo contou-se com a participação de três escolas urbanas, as quais foram escolhidas por terem alunos matriculados na faixa etária de interesse (Para a classificação da idade, adotou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8.069/90), e também por as escolas estarem localizadas em região de expressa vulnerabilidade social, apresentando elevados índices de drogadição. Assim, o estudo foi composto por 32 adolescentes de ambos os sexos (sendo 15 do sexo feminino e

17 do sexo masculino) na faixa etária entre 12 e 18 anos, estudantes entre o 7º e o 9º ano do ensino fundamental.

Os dados foram coletados no período de abril a agosto de 2016, a partir de instrumento do tipo roteiro de entrevista semiestruturada, com perguntas que possibilitaram a realização de análise interpretativa dos dados atendendo aos objetivos do estudo. O roteiro de entrevista semiestruturada foi elaborado com sete perguntas aplicadas e desenvolvidas em três escolas coma população já mencionada.

A entrevista semiestruturada, conforme Minayo (2010) é aquela que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada, embora obedecendo a um roteiro que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador, por ter um apoio claro na sequencia das questões.

Para assegurar o caráter confidencial do estudo tanto em relação aos sujeitos quanto as unidades de ensino, adotou-se a ordenação em letras e números no intuito de garantir a preservação de suas identidades. Para tanto foi adotado os seguintes códigos E1-F/M sendo E para entrevistado, 1 para ordem da entrevista e M ou F para o sexo se masculino ou feminino e assim sucessivamente

Após a autorização da direção das escolas, foi estabelecido o primeiro contado com os adolescentes. Privilegiaram-se as rodas de conversas formadas separadamente por meninos e meninas em comum idade além da aplicação de questionários pré e pós, atividades educativa, cujo escopo residia em guia para o próximo passo, no caso, a entrevista. Ressalva-se que para efeito deste estudo foi feito um recorte dos questionários (pré) nos seguimentos relativos ao uso de álcool e outras drogas.

As entrevistas foram realizadas no espaço da escola e em sala reservada a fim de oferecer ao escolar um ambiente calmo e tranquilo no qual pudesse expressar-se com o mínimo de dificuldades possível, com perguntas claras e abertas e tempo médio de duração não ultrapassando 30 minutos. Quanto ao ponto de finalização das entrevistas este se deu a partir do momento que estas demonstraram repetição das respostas.

A análise dos resultados foi operacionalizada tomando por base o seguinte percurso: a) pré-análise, que para Minayo nada mais é do que a exploração do material e tratamento dos resultados representados, no caso, pela leitura e escolha

dos materiais e documentos utilizados no método descrito pela autora. Para tanto, fez-se a transcrição das entrevistas manualmente em papel A4, sobre forma de tabelas contendo a quantidade de adolescentes dividindo os mesmos por escola participante e sexo, destacando e descrevendo as principais falas; b) ordenação - de posse das transcrições iniciou-se o momento da leitura apurada dos dados e finalmente sua sistematização com ótica ao alcance dos objetivos propostos para o estudo assim, buscou-se compreender no interior das falas suas significações e c) categorização, ou seja, o agrupamento do conteúdo extraído tomando por base a proximidade apresentadas nas respostas dos sujeitos ao um contexto de similitude do objeto estudado.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (parecer: 1.131.996), bem como autorizado pela Secretaria Municipal de Educação. Dessa forma, todas as recomendações da resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos foram seguidas (BRASIL, 2012). Acrescenta-se que os pais ou responsáveis pelos adolescentes foram informados quanto aos objetivos do estudo e concordaram que seus filhos participassem do mesmo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Nessa proposta buscou-se conhecer a relação entre sujeito e objeto, de forma que possibilitasse a compreensão da construção simbólica dos adolescentes sobre o álcool e outras drogas. Para tanto, procuramos destacar algumas das características do universo dos sujeitos do estudo com dados referentes ao gênero, à faixa etária e escolaridade.

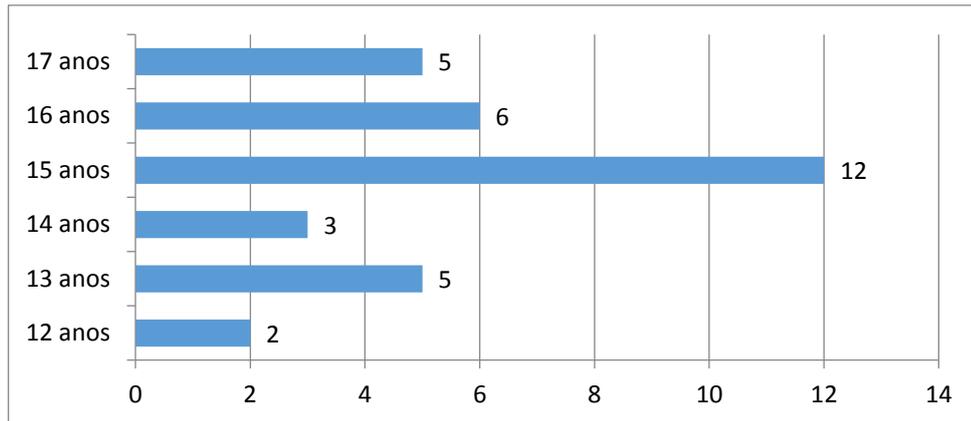


Gráfico 1 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa quanto à faixa etária. Picos – PI, 2016.

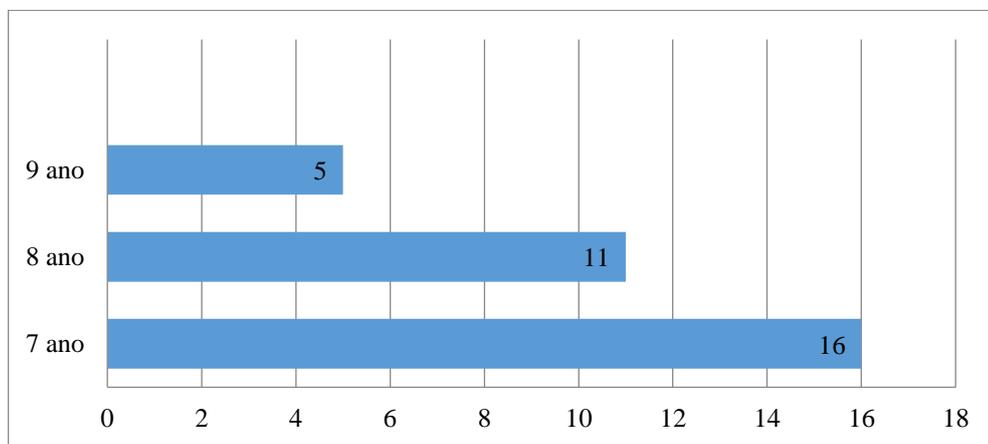


Gráfico 2 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa quanto à escolaridade. Picos – PI, 2016.

Conforme dados acima a média de idade dos adolescentes foi de quinze (15) anos com uma prevalência de alunos no 7º ano. Tal resultado se assemelha a outros estudos onde a faixa etária predominante foi a de 12 a 17 anos (ALCÂNTARA, 2015; ELICKER, 2015; AGUIRRE, 2014; FERREIRA, 2013; SILVEIRA, 2013, ZEITOUNE, 2012).

De acordo com o gráfico é possível observar que os adolescentes entre 15 e 17 anos estão entre oitavo e nono ano o que sinaliza para atraso escolar, repetição de série, desistência fator preocupante que certamente, denuncia lacunas inerentes tanto aos adolescentes quanto ao próprio sistema de ensino.

Nessa vertente o Fundo da Nações Unidas para Infância aponta que dos adolescentes com idade entre 15 e 17 anos, mais de 1,5 milhão estão fora da escola (14,8% dessa população). O maior contingente em termos absolutos está no

Nordeste, com 524 mil adolescentes; em seguida, vem a Região Sudeste, com 471 mil. Em termos proporcionais, a região com mais adolescentes de 15 a 17 anos fora da escola é a Sul (17,1%), seguida da Centro-Oeste (16,7%) (UNICEF, 2011).

No Piauí a taxa de evasão escolar é de 20%, sendo que passa para 33% no turno da noite. A média brasileira é de 29%. No Piauí, 510 escolas oferecem esta modalidade de ensino, abrangendo todos os 224 municípios. Nas escolas, a evasão é maior no período noturno, pois a maioria dos estudantes já está se tornando adultos e, inclusive, trabalham em jornada dupla, e tem apenas a noite livre para se dedicar a sua formação escolar, conforme Anjos, (2010), o que não se aplica diretamente aos sujeitos deste estudo tendo em vista que são adolescentes e, portanto estudantes diurnos, porém se inserem nessa estatística considerando repetições, evasões e desistências.

3.2 Conhecimento como fator protetivo ou não no uso AD

Procedendo à análise, o álcool por ser uma droga de fácil acesso, pode vir a representar uma “porta de entrada” às demais drogas de abuso, potencializando seus efeitos negativos (RAPOSO et al, 2015). Com isso os adolescentes ao ser indagado quanto ao uso de bebidas alcoólicas, apesar do seu consumo ser proibido para menores de 18 anos, mostraram-se positivos ao consumo, considerando que dos 32 adolescentes cerca de 17 (11 do sexo masculino e 6 do sexo feminino) relataram que faziam uso de bebidas alcoólicas, sendo a cerveja mais citada.

Assim compreende-se que o consumo de álcool observado no presente estudo pode estar relacionado pelo fato de ser uma droga lícita e pela imaturidade dos usuários. Nesse ínterim sobre a prevalência do uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes, o estudo encontra similitude em Marques et AL (2013) e Cerutti et AL (2015) que relatam prevalência de consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes, onde cerca de 89,5% e 81,7% respectivamente já haviam consumido bebidas alcoólicas pelo menos uma vez na vida.

Nascimento & Micheli (2013) também em estudo sobre prevalência do uso de drogas entre adolescentes nos diferentes turnos escolares, apontam o álcool com 43%, ficando como a droga mais utilizada entre os estudantes entrevistados sendo em primeira linha de uso, em comparação das demais drogas.

No presente estudo mais da metade dos participantes afirmaram fazer uso de bebida alcoólica justificando, por exemplo, o consumo durante as saídas/baladas pelo fato de torná-los mais desinibidos e encorajados, além disso, afirmaram consumir bebidas com menor percentual de álcool em sua composição, o que, na percepção desses adolescentes afastaria a possibilidade de torná-los consumidores assíduos ou mesmos viciados. Esses achados divergem, por exemplo, do que demonstra Carvalho et al (2009) ao afirmar que o uso abusivo de álcool apesar de ser uma droga lícita acarreta muitos prejuízos aos jovens, como fracasso escolar, perda de emprego, rupturas familiares e violência, crimes, acidentes e encarceramentos, comportamentos de risco, agressões, depressões clínicas, em curto, médio e longo prazo.

Portanto a visão dos adolescentes sobre o álcool e seu consumo, demonstra muitas fragilidades não necessariamente de conhecimento, mas de postura e adesão frente à exposição a esses produtos trazendo em seu bojo sérias implicações não somente para o contexto da saúde mais também para o arranjo familiar e sócio escolar destes adolescentes. Contudo acredita-se que a inserção de ações de prevenção mais eficazes e transformadoras, na qual seja oportuno estreitar participação da família, escola e comunidade, seja uma possibilidade de produzir mudanças positivas para um adolescer consciente e saudável.

Quanto à percepção em relação às demais drogas, ficou claro o entendimento acerca do que representa as drogas para eles, uma vez que do total de participante nove (9) adolescentes relacionaram as drogas como substâncias químicas ilícitas, sete (7) adolescentes a relacionaram ao vício e dependência, quatorze (14) sendo uma coisa ruim que faz mal a saúde e pode levar a morte, e dois (2) não responderam. Conforme expressado em algumas das falas abaixo: *“Substância química que leva a dependência” (E1) (SM)*, *“Substâncias proibidas” (E15) (SM)*, *“Substância perigosa que chega a levar até a morte” (E3) (SF)* e *“Droga é um vício” (E7) (SM)*.

Neves & Segatto (2010) enfatiza que as drogas, independente de serem naturais ou sintéticas, apresentam consequências à saúde afetando seu equilíbrio neuropsicológico provocando reações que variam da apatia, agressividade, dependência, paranoia e até a morte. Entretanto no presente estudo os achados se mostram positivos tendo em vista que pensamento fantástico de bem-estar, de encorajamento e liberdade apontados em outros estudos como resultante do consumo

das drogas, não houve aplicação para os sujeitos deste, ao contrário, ficou evidente em várias falas o poder destrutivo que a droga exerce sobre o organismo e a vida do indivíduo.

Ademais, diante o exposto perceber-se que os resultados apontam para percepção dos pesquisados quanto a não concessão ao uso e dependência que essas substâncias causam na vida dos usuários, embora com graus distintos de intensidade. O reconhecimento dessas substâncias como algo prejudicial, pode estar relacionado à convivência ou observação externa e/ou interna membros da família, amigos ou vizinhos fazendo uso de drogas e vivenciando os efeitos negativos desse uso como mostra A13-SM “*minha mãe não bebe mais meu pai bebe e usa droga*”.

Nessa conjuntura Adade et al (2014) em seu estudo sobre Drogas e uma Proposta Orientada pela Redução de Danos trouxe em seus resultados uma simetria ao encontrado acima, onde adolescentes compartilharam pensamento pariforme, mostrando que os mesmos conhecem os efeitos das drogas e concordam com o fato de que o seu uso de faz mal à saúde, tendo representações negativas acerca do consumo de drogas, relatando que é sempre uma experiência abusiva e maléfica.

Nesse âmbito para muitos dos adolescentes pesquisados, o uso de drogas aparece como algo ruim o que, de certa forma incita uma percepção positiva acerca da gravidade e das consequências advindas diante do uso, sendo, portanto percebido como um fator de proteção, para a não experimentação.

3.3 Relação entre uso álcool e outras drogas com a violência

Na adolescência muitos jovens se encontram expostos a ambientes que favorecem a violência, podendo se agravar quando nestes está presente o uso do álcool e/ou outras drogas de abuso. Nesse aspecto, Silva et al (2014), identifica que situações de violência podem ser manifestadas sobre diversas maneiras como a violência verbal, física, psicológica, negligencia dentre outros tipos.

Essa realidade vem de encontro ao presente estudo uma vez que nas escolas estudadas 30 dos adolescentes afirmaram que o uso de álcool e outras drogas têm relação direta com episódios de violência e 2 adolescentes não souberam responder. Segue abaixo algumas dessas representações. “*Sim porque eu acho que a pessoa não sabe o que tá fazendo, fica fora de si*”(E1) (SM), “*Sim, porque deixa a pessoa*

agressiva, e leva a morte” (E3) (SM), “Sim, porque aquela pessoa fica alucinada, pede dinheiro e se não tiver é taca” (E2)(SF).

Além das afirmações, os adolescentes também fizeram moção aos males causados pelas drogas, relatando que o uso de drogas de abuso causam danos à saúde, nas vivências sociais e também no fator econômico, afetando não só o usuário como também as pessoas de seu convívio.

Nesse pensar, o estudo de Faria & Martins (2016) acerca da violência entre adolescentes escolares, apresenta conformidade aos achados neste estudo. Identifica uma prevalência no consumo de 57,4% para o álcool e 11,4% para outros tipos de drogas. Ainda, o estudo de Reis et al (2013), mostrou um elevado percentual de adolescentes que presenciaram cenas de violência em âmbito familiar e comunitário, em decorrência do uso excessivo de álcool e outras drogas.

Embora sabe-se que o álcool produza dependência ao consumidor, as demais drogas parecem sinalizar para os adolescentes como perigosas tendo em vista além da dependência a criminalização social. Enquanto o uso da droga lícita é observado como ocasional recreativa ou sentimental, divergindo da realidade no que tange o uso de bebidas alcoólicas por causa dos efeitos danosos que podem acarretar os adolescentes.

Tais considerações podem ir de encontro no fator conhecimento que segundo Zeitouni et al (2012) a informação tem papel crucial como medidas preventivas entre adolescentes, com diálogo simples, direto e honesto, sempre evidenciando os efeitos negativos, mas sem deixar de citar os prazeres momentâneos alcançados com o consumo das drogas.

3.4 Importância da Família no contexto do álcool e outras drogas

A família tem forte influência no desenvolvimento saudável ou não de seus membros, pois ela pode ser compreendida como o elo entre o adolescente e a sociedade, tendo o papel de inserir seus membros na cultura e ser instituidora das relações primárias, influenciando suas formas de reagir a cada oferta ou demanda da sociedade atual (POZZA, 2011; MAURINA, 2012).

Isso faz com que os fatores de riscos ao uso de álcool e outras drogas sejam características ou atributos de um indivíduo, que tem um grupo ou ambiente de

convívio social que contribuem para o aumento da probabilidade da ocorrência do uso, enquanto os fatores protetores contribuem para a diminuição da perspectiva do uso do mesmo (DALLO & MARTINS, 2011).

No intento de conhecer a relação do ambiente familiar no que concerne o uso do álcool e outras drogas, ao serem indagados sobre o uso desses componentes entre seus familiares, dos 32 adolescentes participantes do estudo, 16 deles afirmaram ter parentes (primos, tios e irmãos) que faziam uso de álcool e outras drogas sendo sete 7 do sexo masculinos e 9 do sexo feminino. Deste modo além do álcool, os participantes não especificaram quais eram os tipos de drogas usadas por seus familiares.

Resultado semelhante foi encontrado na pesquisa de Elickeret al (2015) sobre uso de álcool e outras drogas com 832 adolescentes escolares, onde mostrou que 28,8% dos pais faziam uso de álcool. Nessa perspectiva Almeida et al (2014) em estudo sobre adolescente e as drogas: consequências para a saúde, com uma população de 810 adolescentes apresentou um importante dado em seu estudo, no qual 26% deles afirmaram terem experimentado bebida pela primeira vez em casa, sendo oferecido pelos próprios familiares.

Ainda, no contexto familiar, a atitude e o comportamento dos membros da família são modelos importantes e atuam como fator de proteção para o uso de drogas e fazem parte de uma situação que está associada à fragilidade e limitação do jovem para responder criativamente às situações difíceis impostas no seu convívio social (MAURINA, 2012).

Relacionando o uso de álcool e outras drogas pelos familiares, os mesmos se mostraram como tolerantes e favoráveis ao uso de drogas por seus membros. Tolerantes pelo fato de, certamente, serem usuários e, portanto em condições difíceis para apontar novos caminhos ou mesmo de se lançarem como guias aos seus membros e, favoráveis porque, inevitavelmente a realidade em que estão imersos poderá refletir diretamente nas escolhas futuras de seus membros. Assim compreende-se que realidades como estas representam um ambiente não protetivo ao adolescente.

Nesse extrato Malbergier et al (2012) ratifica em estudo realizado com 910 adolescentes que estes consumiram álcool alguma vez na vida e apresentaram 2,1 vezes, mais chances de ter algum membro da família que fazia o uso de álcool, sendo

para Freires & Almeida (2012) as relações familiares bem como os ambientes de vivência fatores contundentes para o uso ou não de drogas na adolescência.

Quanto ao uso de álcool e outras drogas por adolescentes as drogas lícitas, ou seja, aceitas legalmente acarretam segundo Neves & Segatto (2010) e Reis et al (2013) um quantitativo de danos e mortes maiores do que as drogas ilícitas. Entretanto quando questionados acerca do entendimento sobre a legalização de drogas obteve-se os seguintes resultados: dos participantes que responderam 26 adolescentes deixaram claro que são ‘contra’ e que a legalização traria mais desavenças familiares e mortes entre os jovens, sendo que 4 dos adolescentes pesquisados relataram ser a favor com observância principalmente a maconha, e dois não responderam. Vejamos algumas das descrições abaixo: *“Sou contra, pois traz muita desgraça para família” (E3) (SF)*, *“Contra, porque os jovens vão se matar entre si” (E1) (SM)*, *“A favor, porque a maconha é só uma erva” (E2) (SM)*.

Nos chama a atenção à fala do (E2) (SM) onde simplifica o consumo e, portanto se coloca favorável pelo fato de tratar-se apenas de uma erva dando a entender que esta não oferece maiores riscos e prejuízos à vida de quem a consome configurando-se em fator não protetivo ao uso de AD. Em relação ao exposto Pereira et al (2013) explica que é perceptível que o conhecimento sobre as drogas ilícitas e principalmente sobre a maconha é insuficiente e inapropriado sabendo que a legalização das drogas poderia agravar ainda mais os diversos problemas de ordem pública, e poderia contribuir para o aumento da demanda de usuários nos serviços de saúde, possivelmente em decorrência do ser ilegal e não se sentirem mais marginalizados.

Deste modo, a legalização de drogas como a maconha, por exemplo, ainda incita muitas discussões, uma vez que legalizadas, poderá favorecer seu uso por adolescente e dificultar controle diante da comercialização e proibição do uso para menores de 18 anos, além de, certamente, acarretarem efeitos danosos à sociedade, a exemplo do álcool, que apesar de ser lícito e proibido para menores de 18 anos, vem sendo usado cada vez mais e precocemente pelos adolescentes tornando-se com isso sério problema de saúde pública.

3.5 Escola como preditivos na saúde do adolescente

A escola pode ser considerada um espaço privilegiado para as ações de promoção e prevenção a saúde do adolescente no que se concerne ao uso de álcool e outras drogas, no presente estudo os adolescentes ao serem questionados sobre informações oferecidas pela escola nesse seguimento resultou que para a maioria, 24 dos participantes numa proporção de quinze 15 do sexo feminino e 9 sexo masculino afirmaram que a escola discutia sobre o assunto, utilizando a palestra como estratégia de escolha; 6 disseram que não e 2 não responderam.

A importância de estar promovendo a conscientização a partir de atividades de educação em saúde de forma intervencionista nos espaços escolares é inquestionável, porém o modelo que se utiliza para trabalhar especificamente com essa população precisa ser avaliado, uma vez que o adolescente pela própria natureza da fase de vida, na qual está inserido poderá ser intolerante ou pouco atencioso a abordagens alongadas e sem muito dinamismo como mostra (E3) (SF) *“Sim de vez em quando tem umas palestras aí”*.

Semelhante resultado foi identificado na pesquisa de Adade et al (2014) realizada com 40 estudantes, em unidades públicas e privadas, onde os adolescentes relataram receberem informações sobre drogas, sob a forma de palestras, e consideraram a experiência negativa, apontando a ausência de interatividade entre os envolvidos no processo.

Para Silva et al (2014) a conscientização e ensino do jovem sobre uso de álcool e outras drogas deve ser complementada juntamente com o Programa de Saúde na Escola (PSE) que contempla uma equipe multidisciplinar e ampla interação entre diferentes campos de conhecimento, interligando a Estratégia Saúde da Família (ESF) e a escola, e que promove a mediação de novas estratégias no âmbito da atenção em saúde e com adolescentes, destacando a importância dos aspectos da promoção em saúde, vulnerabilidade social, elementos da comunidade, elementos políticos e organizacionais.

Com vistas a alguns dos resultados em relação às atividades educativas *“Sim, mais é pouca [...]”*; *“às vezes chega gente aqui falando, falando”* (E1,4-(SF) *“eu mesmo nunca vi”*(E10-SM) ressalta-se a importância de intensificar as ações nesse segmento tomando a escola como campo fecundo para aquisição de novas perspectivas. Acredita-se que o trabalho conjunto entre equipe do PSE, escola e família, assinalam maiores e melhores resultados uma vez que considerar a realidade social vivenciada,

valorizar a escuta, o diálogo aberto, simples e participativo com o adolescente, com os pais e com seus pares, adequando as políticas à realidade local com iniciativas primárias de prevenção ao uso de substâncias nocivas a saúde sinaliza para uma das melhores opções ao lidar com esse público adolescente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo, a percepção dos adolescentes quanto ao uso de AD, apresenta-se como algo ruim, que vicia e faz mal a saúde. Esse achado aponta para a necessidade de intensificar o acompanhamento ainda na escola, antes das influências e da decisão de experimentação.

A maioria dos adolescentes afirmou consumo de bebidas alcóolicas bem como ter parentes (primos, tios e irmãos) em uso de AD. Já entre o uso AD e violência foi evidenciados na quase totalidade dos participantes o reconhecimento que o uso tanto do álcool como demais drogas são geradores de violência e que pode levar a morte. Resultados estes que ratificam desarranjo familiar e sério problema de saúde pública e justiça.

Verificou-se também que a maioria dos adolescentes é contra legalização de drogas ilícitas dado de representação protetiva ao consumo de AD, embora outros tenham relatado serem a favor com observância principalmente para a maconha.

O estudo mostrou pontos relevantes quanto à existência de práticas educativas em ambiente escolar sobre o AD, embora aponte para necessidade de novas estratégias de abordagem que envolva o adolescente no contexto das ações de forma lúdica e participativa, capaz de reconhecer necessidades mais específicas além de favorecer a apreensão e aplicabilidade do conhecimento adquirido em seu cotidiano favorecendo dessa forma o protagonismo juvenil.

Nesse sentido sugere-se a intensificação nas ações de promoção da saúde e prevenção de riscos para além dos adolescentes, que os familiares sejam envolvidos nesse processo, no espaço da escola tendo em vista o papel basal que a família representa para a formação do adolescente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADADE, M, et al. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educ Pesqui**, v. 40, n. 1, p. 215-30, 2014.
- AGUIRRE, A. A.; ALONSO, M. M.; ZANETTI, C. A. C. G. Fatores preditivos do uso de álcool e tabaco em adolescentes. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 22, n. 6, p. 1056, 2014.
- ALCÂNTARA, J. M, et. al. Estudo e prevenção ao uso de drogas legais e ilegais na escola estadual de ensino médio Ernesto Penafort. **Anais Programa Ciência na Escola**, v. 3, n. 1, 2015.
- ALMEIDA, R. M. M, et al. Uso de álcool, drogas, níveis de impulsividade e agressividade em adolescentes do Rio Grande do Sul. **Psico**, v. 45, n. 1, p. 65-72, 2014.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Senado Federal. Lei 8069 de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.
- _____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Normas para pesquisa envolvendo seres humanos: **(Res. CSN 466/12)**. Brasília, DF, 2012.
- _____. Decreto nº 6.286, 05 de dezembro de 2007. Institui o **Programa Saúde na Escola** e dá outras providências. Presidência da República do Brasil [internet]. 2007 Dez [acesso em 20 mai 2016]. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm
- _____. **Pesquisa Nacional de Saúde Escolar**, Ministério da Saúde (2012).
- _____. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas SENAD. **Relatório Brasileiro Sobre Drogas**. 2010. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/infanciahome_c/dr_drogadicao/dr_outros_drogadicao/plano_enfrentamento/pevb_levantamentos/relatorio%20uso%20drogas%20no%20brasil_senad.pdf Acesso em: 21 de nov. 2015.
- CARDOSO, L. R. D.; MALBERGIER, A. A influência dos amigos no consumo de drogas entre adolescentes **Estudos de Psicologia Campinas**, v. 31, n. 1, p. 65-73, 2012.
- CARVALHO et al. O Uso de Bebidas Alcoólicas pelos Adolescentes: fatores predisponentes e consequências. 2009, 48 f. **Monografia** (Graduação) de bacharel em Enfermagem, Área de Ciências Biológicas da Saúde da Universidade Vale do Rio Doce.

- CERUTTI, F.; RAMOS, S. P.; ARGIMON, I. I. L. A implicação das atitudes parentais no uso de drogas na adolescência. **Acta Colombiana de Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 73-181, 2015.
- DALLO, L.; MARTINS, R. A. Uso de álcool entre adolescentes escolares: um estudo-piloto. **Paidéia**, v. 21, n. 50, p. 329-334. 2011.
- ELICKER, E. et. al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 399-410, 2.015
- FERREIRA, S. C., & MACHADO, R. M. Equipe de Saúde da Família e o uso de drogas entre adolescentes. **Cogitare Enfermagem**, v. 18, n. 3, 2013.
- FARIA, C. S.; MARTINS, C. B. G. Violência entre adolescentes escolares: condições de vulnerabilidades. **Enfermería Global**, v. 15, n. 2, p. 157-198, 2016.
- FREIRES, A. I. & ALMEIDA. G. E. M. O Papel da Família na Prevenção ao uso de Substâncias Psicoativas. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 16, n. 1, p. 99-104, 2012.
- GIL, A.C., **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas. 2010.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **População**, Ministério da Saúde (2010).
- MALBERGIER, A.; CARDOSO, L. R. D.; AMARAL R. A. Uso de substâncias na adolescência e problemas familiares. **Cad. saúde pública**, v. 28, n. 4, p. 678-688, 2012.
- MARQUES, M.; VIVEIRO, C.; PASSADOURO, R. Uma velha questão numa população jovem: o consumo do álcool nos adolescentes escolarizados. **Acta Med Port**, v. 26, n. 2, p. 133-138, 2013.
- MAURINA, L. R. C. Habilidades sociais e o abuso de drogas no contexto familiar. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 4, n. 2, p. 715-722, 2012.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- NASCIMENTO, M. O.; MICHELI, D. Avaliação de diferentes modalidades de ações preventivas na redução do consumo de substâncias psicotrópicas em estudantes no ambiente escolar: um estudo randomizado. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 8, p. 2499-2510, 2015.
- NEVES, E. A. S.; SEGATTO, M. L. Drogas lícitas e ilícitas: uma temática contemporânea. **Revista da Católica**, v. 2, n. 4, 2010.

Organização Mundial de Saúde (OMS). Relatório Mundial sobre Álcool e Saúde 2014. Disponível em: <http://www.who.int/substance_abuse/publications/global_alcohol_report/en/>. Acesso em: 21 nov. 2015.

PEREIRA, C. L. et al. Legalização de drogas sob a ótica da bioética da proteção. **Rev. bioét.(Impr.)**, v. 21, n. 2, 2013.

POZZA, A. M. et al. A influência familiar no envolvimento dos jovens com as drogas. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 2, n. 6, 2011.

RAPOSO, J. C. S. et al. Consumo de álcool em binge e uso de drogas ilícitas entre adolescentes escolares. **Revista de Atenção à Saúde (antiga Rev. Bras. Ciên. Saúde)**, v. 14, n. 48, p. 27-31, 2015.

REIS, D. C et. al. Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 21, n. 2, p. 586-594, 2013.

RONZANI, T. M.; SILVEIRA, P. S. Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar, **Juiz de Fora: Ed. UFJF**, p. 160, 2014.

SANTOS, L. A. Tendências da Produção Acadêmica Nacional Sobre o Uso de Drogas e o Ato Infracional na Adolescência. 2014, 130 f. **Dissertação** (Mestrado Profissional Adolescente em Conflito com a Lei, Área de concentração: Interdisciplinar) – Coordenadoria de Pós Graduação, Universidade Anhanguera de São Paulo – UNIAN.

SILVA, A. D. et al. A assistência do enfermeiro da atenção básica ao adolescente com dependência química. **Revista Interdisciplinar**. v. 7, n. 4, p. 61-71, 2014.

SILVEIRA, E. R.; SANTOS, S. Á.; PEREIRA, A. G. Consumo de álcool, tabaco e outras drogas entre adolescentes do ensino fundamental de um município brasileiro. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 2, n. 51, 2014

UNICEF. **O direito de adolecer**: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. 2011. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf>. Acesso em: 11 de junho 2016.

ZEITOUNE, R. C. G. et al. Conhecimento De Adolescentes Sobre Drogas Lícitas E Ilícitas: Uma Contribuição Para A Enfermagem Comunitária. **Esc Anna Nery**, v. 16, n. 1, p. 57- 63, 2012.